



CICLO DE DEBATES EM SAÚDE COLETIVA: RELATO SOBRE ATUAÇÃO EM ESCOLA

COLLECTIVE HEALTH DEBATE CYCLES: AN EXPERIENCE REPORT ON SCHOOL-BASED ACTIONS

Aguida Melissa Santos*

Ana Paula Azevedo Hemmi**

André Luís Lopes Borges de Mattos***

Paulo Afranio Sant'Anna****

RESUMO: A extensão universitária pode ser entendida e praticada como uma ferramenta importante de aproximação entre acadêmicos e população externa ao ambiente universitário, já que possibilita um contato desses com as comunidades locais. O Conselho Nacional de Educação, através das diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira, passou a preconizar um mínimo de 10% de atividades extensionistas na carga horária total da Estrutura Curricular Estudantil dos cursos de graduação. Dessa forma, as atividades de extensão podem ser associadas também como atividades de ensino. O objetivo deste trabalho é o de relatar o desenvolvimento de três (3) Ciclos de Debates realizados junto a estudantes da Educação para Jovens e Adultos (EJA) de uma Escola Estadual (EE) da cidade de Diamantina, Minas Gerais, no período de agosto a novembro de 2022. Os encontros foram divididos em três temas: 1º Ciclo: “O que é viver bem?” e “O que nos falta para viver bem?”; 2º Ciclo: “O que podemos fazer para viver bem?” e; 3º Ciclo: “O que podemos fazer coletivamente para viver bem?”. Os resultados mais gerais das atividades aqui relatadas demonstraram a importância da construção de vínculos e de se levar a sério os espaços de promoção de diálogo, no sentido mais amplo da palavra, no qual os participantes possam ser efetivamente considerados como sujeitos e as diferentes visões de mundo e conhecimentos possam ser integradas e, assim, transformadas em novas modalidades de atuação e de participação em áreas tão importantes para a cidadania e para a promoção da igualdade.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão comunitária. Saúde Coletiva. Educação em saúde.

ABSTRACT: University extension can be understood and practiced as an important tool for bringing academics closer to populations outside the university environment, as it enables direct contact with local communities. The National Council of Education, through the guidelines for extension in Brazilian higher education, has recommended that at least 10% of the total curricular workload of undergraduate programs be dedicated to extension activities. Thus, extension activities may also be associated with teaching practices. This paper reports the development of three Debate Cycles carried out with students from Youth and Adult Education (EJA) at a state school in Diamantina, Minas Gerais, from August to November 2022. The meetings were organized around three themes: 1st Cycle: “What does it mean to live well?” and “What do we lack in order to live well?”; 2nd Cycle: “What can we do to live well?”; and 3rd Cycle: “What can we do collectively to live well?”. The general results showed the importance of building bonds and taking dialogical spaces seriously, so that participants

* Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM. E-mail: aguida.melissa@ufvjm.edu.br.

** Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM. E-mail: ana.hemmi@ufvjm.edu.br.

*** Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM. E-mail: borges@ufvjm.edu.br.

**** Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM. E-mail: pa.anna1@gmail.com.

can be effectively considered as subjects and different worldviews and forms of knowledge can be integrated and transformed into new modes of action and participation in areas that are central to citizenship and equality promotion.

KEYWORDS: Community extension. Collective Health. Health education.

Introdução

A Saúde Coletiva no Brasil é conceituada como um campo de conhecimento e de prática, perpassado por diferentes áreas do conhecimento. Dentre essas, destacam-se as ciências biológicas, as ciências sociais e humanas (VIEIRA-DASILVA, 2018). Desde sua origem como campo, um dos maiores desafios da Saúde Coletiva tem sido o de abordar a saúde em uma perspectiva de bem-estar social. Isso significa ampliar o entendimento de saúde para além da ausência de doenças e considerar que a saúde é uma convergência de aspectos sociais, econômicos, educacionais, dentre outros (VIEIRA-DASILVA, 2018).

Neste contexto, surge o desafio e a necessidade de preparar cidadãos para conhecerem e praticarem a saúde conforme tal entendimento, visto que, desde essa perspectiva, a saúde diz respeito às pessoas em geral e não apenas profissionais e/ou gestores da saúde.

A extensão universitária pode ser entendida e praticada como uma ferramenta importante de aproximação entre acadêmicos e população externa ao ambiente universitário, já que possibilita um contato dos primeiros com as comunidades locais (PEREIRA et al, 2022). Há alguns anos, o Conselho Nacional de Educação (CNE), através das diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira, passou a preconizar um mínimo de 10% de atividades extensionistas na carga horária total da Estrutura Curricular Estudantil dos cursos de graduação (BRASIL, 2018). Dessa forma, as atividades de extensão podem ser pensadas também como atividades de ensino.

Porém, tanto as atividades práticas de ensino quanto as de extensão ainda são promovidas a partir de uma transmissão de conhecimentos previamente planejados pelos acadêmicos, sem levar em consideração as necessidades e os conhecimentos prévios do público em questão. No caso das atividades de extensão no campo da

saúde, isso se torna duplamente complexo, uma vez que a aproximação à população se dá a partir de práticas educativas pautadas na transmissão de conhecimento acrescida de uma linguagem técnico-científica. Ou seja, são desenvolvidas práticas educativas distanciadas de suas diferentes realidades.

Tendo em vista essa realidade, o Núcleo de Pesquisa, Estudo e Extensão em Saúde Coletiva (NUPEESC) – composto por docentes e discentes das áreas de Saúde Coletiva e de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) – adotou como estratégia ampliar suas práticas de ensino e de extensão a partir da realização de práticas dialógicas em que o público-alvo fosse ao mesmo tempo sujeito e objeto da ação. Tais estratégias já foram descritas na literatura acadêmica como fundamentais para que o contato entre acadêmicos e população em geral seja efetivo, sendo imprescindível o reconhecimento de suas diferentes realidades e particularidades, conforme os territórios onde vivem (PORTO, PIVETTA, 2009; SILVA et al, 2020; PEREIRA et al, 2020).

Dentre os projetos desenvolvidos pelo NUPEESC, destaca-se o projeto de extensão “Ciclo de Debates em Saúde Coletiva: diálogos interdisciplinares”, que se consolidou a partir da necessidade de discutir temas em saúde desde uma perspectiva dialógica e para além da ênfase na doença. Esse projeto contou com os docentes do NUPEESC, além de discentes dos cursos de graduação em Enfermagem, Fisioterapia e Bacharelado em Humanidades da UFVJM.

Entre o processo de idealização e a concretização do Projeto de Extensão: “Ciclo de Debates em Saúde Coletiva”, a equipe do NUPEESC enfrentou diversos desafios. A equipe tinha como objetivo central a promoção de diálogo entre os integrantes da equipe com a comunidade externa da UFVJM. Porém, a ausência de participantes nos três primeiros encontros destinados a esse fim, propostos em um bairro periférico da cidade para a população em geral, evidenciou um possível distanciamento entre a universidade e a comunidade externa. Este é um ponto importante que merece ser registrado, já que a ausência da população nos encontros condicionou a redefinição do local e do público-alvo das ações.

Diante dessa redefinição, o objetivo deste trabalho é o de relatar o desenvolvimento de três (3) Ciclos de Debates realizados junto a estudantes da

Educação para Jovens e Adultos (EJA) de uma Escola Estadual (EE) da cidade de Diamantina, Minas Gerais, no período de agosto a novembro de 2022¹. Acredita-se que o método de ensino ora relatado pode contribuir para o desenvolvimento de práticas educativas, tanto no ensino quanto na extensão, tendo em vista a necessidade de considerar, nesses espaços, os diversos saberes dos envolvidos.

Descrição do Ciclo de Debates

Os encontros foram divididos em três temas, definidos em reunião de grupo e a partir de experiências prévias dos integrantes do NUPEESC, da seguinte forma: 1º Ciclo: “O que é viver bem?” e “O que nos falta para viver bem?”; 2º Ciclo: “O que podemos fazer para viver bem?” e; 3º Ciclo: “O que podemos fazer coletivamente para viver bem?”.

1º ciclo: “o que é viver bem?” e “o que nos falta para viver bem?”

A decisão de não repetir os encontros em bairros periféricos da cidade, destinados aos seus respectivos moradores, reorientou o planejamento das atividades realizadas pelos integrantes do NUPEESC. Foi, então, que surgiu a ideia de realizar os encontros seguintes em uma Escola Estadual (EE) de Diamantina – onde parte da equipe já havia desenvolvido outras ações educativas de forma bem sucedida. Além disso, outro fator que pesou na decisão da equipe para a escolha do lugar e do público-alvo foi a existência, nessa escola, de um Programa de Educação para Jovens e Adultos (EJA).

Destaque deve ser dado ao fato de que, nos encontros anteriores, a equipe havia percebido as dificuldades de direcionar as atividades para moradores de um bairro com os quais não se tinha vínculos e com os quais não havia sido feito qualquer contato prévio com alguma liderança local. Assim, a alternativa de direcionar o Ciclo de Debates para um grupo já institucionalizado – formado por estudantes da EJA –

¹ O relato aqui apresentado foi inicialmente apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso realizado em 2023, como parte do Projeto de Extensão “Ciclo de Debates em Saúde Coletiva: diálogos interdisciplinares” pelo NUPEESC/UFVJM. Para fins de submissão e publicação na Educação Básica Revista no âmbito da 11ª edição da Semana da Integração: Ensino, Pesquisa e Extensão da UFVJM (SINTEGRA), o texto foi substantivamente modificado e acrescido de algumas informações.

pareceu uma maneira eficaz de minimizar os efeitos do distanciamento entre os acadêmicos e a população externa à Universidade.

A equipe do NUPEESC percebeu também outra dificuldade: a forma de abordagem do tema da saúde. Após discussões realizadas no âmbito das reuniões de grupo, chegou-se ao consenso de que a forma mais efetiva de envolver os estudantes da EJA seria a partir da transformação do encontro em um espaço dialógico no qual eles pudessem participar ativamente na construção dos tópicos ou temas a serem discutidos. Dessa forma, a equipe não levaria nenhum tema da saúde definido a priori². Ficou assim decidido que a discussão deveria ser iniciada com apenas dois questionamentos, que serviriam como um gatilho para o debate: "O que é viver bem?" e "O que nos falta para viver bem?".

Porém, mesmo em um ambiente institucional, no qual as atividades de extensão foram idealizadas como parte das atividades ordinárias da EE - contando com a participação, de certa forma obrigatória dos estudantes da EJA - havia o risco das questões formuladas previamente não serem suficientemente atrativas, o que poderia comprometer a qualidade do encontro e o engajamento dos participantes. Optou-se, então, por uma atuação mais personalizada e próxima dos estudantes. De antemão, o tempo do encontro deveria ser dividido para que cada membro da equipe do NUPEESC conduzisse uma parte da atividade junto à turma. Nesta perspectiva, esperava-se que a abordagem pudesse se tornar mais dinâmica, a partir de questionamentos iniciais e utilizando recursos didáticos com os quais os estudantes poderiam sistematizar e visualizar suas respostas em uma "nuvem de palavras". A estrutura do planejamento contou com: a) os momentos do Ciclo; b) seus respectivos objetivos; c) os materiais que seriam utilizados; d) o tempo estimado para realização de cada etapa do encontro.

No dia 24 de agosto de 2022, foi realizada a primeira atividade na Escola. Esta contou com a presença de 42 integrantes, entre eles discentes e docentes da

² É bastante comum no campo da saúde acadêmicos de graduação definirem previamente temas como: "alimentação saudável", "infecções sexualmente transmissíveis", "hábitos de higiene", "práticas de atividade física", "uso correto de [algum método como escovação dos dentes, lavagem de mãos, etc]", dentre outros. A partir desses eixos temáticos buscam ensinar o "certo" e apontar o "errado" de maneira a ignorar o saber alheio sobre o tema. Essas questões foram discutidas por Mialhe (2010) e Souza, Souza e Guerra (2011).

UFVJM e da EE, além de duas discentes dos Cursos de Pedagogia e de História da UFVJM que estavam estagiando na EE.

O encontro ocorreu como o planejado pelos membros do projeto. Sobre os resultados da atividade, dois pontos merecem destaque. Primeiro, o interesse demonstrado pela maior parte dos estudantes da EJA e a ativa participação deles nas atividades propostas. A dinâmica de textualização e inserção das respostas no quadro formando a “nuvem de palavras” representou uma materialização das ideias (Figura 1), ainda que não tenha sido suficiente para garantir a participação de todos os sujeitos presentes. Embora menos expressiva, uma parte dos discentes da Escola se recusou a participar ou permaneceu alheia às atividades, promovendo conversas paralelas ou causando voluntariamente atos de dispersão, o que, em certa medida, causou alguma dificuldade ao andamento da atividade, embora sem comprometer a totalidade do encontro.

O segundo ponto refere-se ao método adotado pela equipe do NUPEESC, ao se propor construir a “nuvem de palavras” junto com os estudantes da EJA. A dificuldade mais evidente para trabalhar com grupos com menor escolaridade é a distância do capital cultural reproduzido na universidade - em grande parte reprodutor do conhecimento técnico-científico e, em muitos aspectos, de difícil apreensão para pessoas não familiarizadas com a prática acadêmica. Embora este texto não se proponha fazer uma discussão teórica mais avançada, a atividade mostrou que a efetividade das ações de extensão, sobretudo em escolas, precisam levar em conta a construção de um espaço no qual as diferentes racionalidades e visões de mundo possam ser equalizadas em um espaço de diálogo simétrico. O que vai depender, evidentemente, da busca constante por meios de minimizar a distância entre os saberes acadêmico e da comunidade externa.

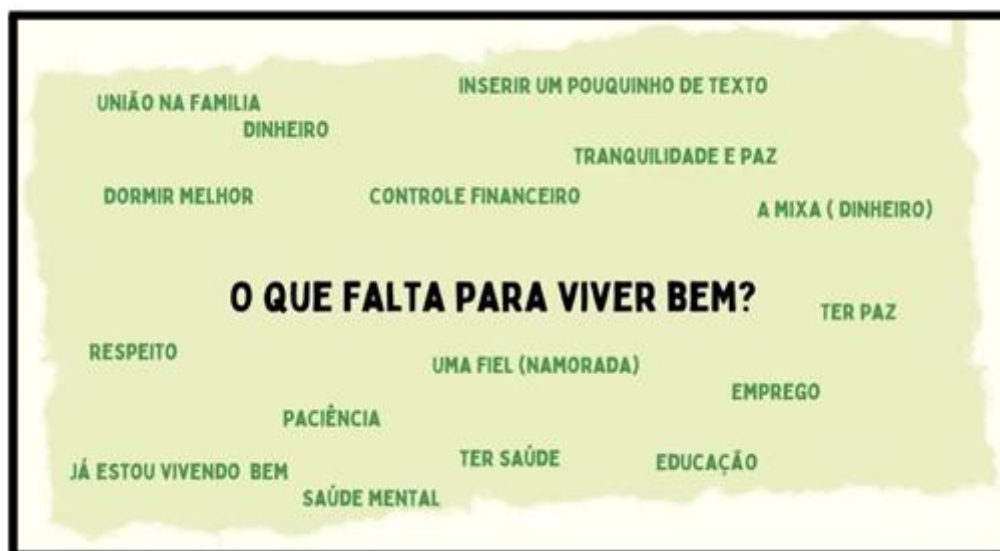
A dinâmica de construção de nuvens de palavras mostrou-se eficiente neste sentido, na medida em que o processo de sua elaboração na forma de ideias passíveis de serem visualizadas permitiu aos estudantes realizarem conexões entre diferentes percepções acerca da questão proposta e construir respostas mais complexas às indagações que foram surgindo (Figuras 1 e 2).

Figura 1: Nuvem de respostas - “O que é viver bem?”



Fonte: Elaboração própria.

Figura 2: Nuvem de respostas – “O que falta para viver bem?”



Fonte: Elaboração própria.

O encontro teve duração de aproximadamente duas horas e foi avaliado positivamente pela equipe do NUPEESC e pelos estudantes da EJA. Os resultados alcançados levaram à proposta de continuidade do Ciclo de Debates na mesma Escola,

a despeito de alguns ajustes relativos ao tempo dedicado à atividade e ao tamanho do espaço, até então restrito a uma única sala de aula para duas turmas.

2º ciclo: “o que podemos fazer para viver bem?”

O 1º Ciclo de Debates mostrou a importância de um espaço dialógico, no qual os participantes puderam ser ouvidos e expressar suas próprias ideias. Assim, para o 2º Ciclo de Debates, optou-se novamente por não realizar a atividade a partir de um tema previamente definido, mas redirecionar o encontro para uma conversa acerca de possíveis soluções para os problemas elencados no 1º Ciclo. Para maior adesão dos estudantes da EJA, inicialmente deveria ser apresentada uma sistematização com a frequência das respostas em um quadro, referentes ao 1º Ciclo. A apresentação foi feita por uma discente do NUPEESC (Quadro 1).

Diante disso, foi sugerido um novo questionamento para conduzir a conversa no 2º Ciclo: “O que podemos fazer para sanar o que falta para viver bem?”. A perspectiva era permitir aos estudantes trabalharem em grupos que, posteriormente, deveriam construir uma reflexão compartilhada.

O 2º Ciclo de Debates foi realizado em 05 de outubro de 2022. Estiveram presentes 22 pessoas, entre discentes e docentes da UFVJM e da EE, além dos estagiários do curso de História da UFVJM.

Uma das dificuldades logo percebida, que deve ser considerada em projetos de extensão, é a continuidade dos participantes. A ausência de estudantes presentes no ciclo anterior e a presença de novos dificultaram a atividade inicial de revisão das respostas e resultaram na falta de interação e de interesse na nova proposta. Não obstante, foi apresentado o seguinte quadro com a sistematização das respostas às perguntas “O que é viver bem?” e “O que nos falta para viver bem?”, realizadas no 1º Ciclo.

Quadro 1: Respostas dos estudantes EJA

O que é viver bem?	Número de respostas	O que falta para eu viver bem?	Número de respostas
Paz/Aconchego	6	Dinheiro/ Estabilidade financeira/ “Mixa”	18
Ser feliz	3	Saúde	5
Saúde	3	Paz	5
Viver/sobreviver	4	Dormir	2
Dinheiro	2	Namorada	2

Comer	6	Emprego	2
Dormir	3	Educação	1
União/ Harmonia	4	Não me falta nada	5

Fonte: Elaboração própria.

Novamente, a percepção visual das respostas levou ao interesse dos participantes, a despeito da heterogeneidade da turma em relação à atividade anterior. Os estudantes foram então convidados a se dividir em grupos, sendo respeitado o critério de afinidade proposto por eles, o que permitiu superar a resistência inicial à formação de grupos aleatórios.

Formado por sete e oito estudantes, cada grupo - munido de material previamente distribuído pela equipe do projeto - foi convidado a desenhar em cartolina possíveis soluções para os problemas que, a seu ver, impediam alcançar o viver bem. Digno de nota, os estagiários de História presentes se dispuseram a integrar os grupos, o que estimulou o desenvolvimento da atividade. Essa atuação foi fundamental não apenas para garantir a efetividade da tarefa, mas também para promover um espírito de colaboração na confecção de respostas.

A atividade seguinte demonstrou, uma vez mais, dificuldades inerentes à aproximação da universidade com o público externo. Muitos estudantes foram resistentes a apresentar os resultados da discussão em grupo, o que evidenciou uma dificuldade de se apresentar para os colegas e, ao que parece, para os membros do projeto, externos à escola. Todavia, o desafio foi superado por aqueles que se dispuseram a atuar como representantes do grupo.

Com as cartolinas em mãos, nas quais foram inseridos os resultados expostos para toda a turma, os participantes foram então convidados por um membro do NUPEESC a compartilhar a reflexão coletiva sobre as soluções propostas, a partir da seguinte indagação: “Considerando tudo o que foi dito, é possível alcançar o viver bem sozinho?”. Esse questionamento foi fundamental para permitir uma reflexão diante das respostas dos estudantes da EJA, de cunho estritamente individual.

O encontro foi assim finalizado dentro dos limites de tempo disponível. Embora não tenha sido possível aprofundar o debate final, ficou evidente o interesse dos participantes pelo tema. A equipe creditou o resultado positivo à metodologia proposta de divisão em grupos, o que permitiu maior interação e a construção de um

espírito de coletividade, fundamental para participação política, sobretudo no âmbito da Saúde Coletiva. Esta seria a tônica do terceiro e último encontro, que será relatado brevemente a seguir.

3º ciclo: “o que podemos fazer coletivamente para viver bem?”

O 3º Ciclo de Debates foi pautado pela ideia de estimular os participantes a pensar coletivamente. A condução foi realizada nos moldes dos encontros anteriores, isto é, com a divisão da turma de estudantes em grupos a serem acompanhados pela equipe do projeto e os estagiários da UFVJM que estivessem ali presentes. Porém, à pergunta que finalizou o 2º Ciclo seria acrescentada a perspectiva da atuação coletiva, da seguinte forma: “O que podemos fazer coletivamente para viver bem?”.

O 3º Ciclo ocorreu no dia 09 de novembro de 2022 na EE e contou com a presença de 31 pessoas, sendo 28 discentes (4 da UFVJM e 24 da EE) e 5 docentes (4 da UFVJM e 1 da EE).

Seguindo a dinâmica previamente estabelecida e realizada nos encontros anteriores, foram recapituladas as questões e respostas já formuladas. Essa dinâmica inicial foi facilitada pela presença dos mesmos participantes, diferente do que foi observado no 2º Ciclo de Debates, conforme já relatado.

Posteriormente, foi proposta uma nova dinâmica, intitulada "Boca e Ouvido"³, que deveria ser realizada pelos grupos previamente divididos. Porém, nesta ocasião os estudantes foram convidados a se dividirem de forma aleatória, o que foi acatado, uma vez que as atividades seriam acompanhadas por membros da equipe do projeto.

A mudança em relação aos encontros anteriores se tornou evidente. Os participantes demonstraram mais interesse em interagir entre si e com os membros do NUPEESC. Mostraram-se também mais atentos e com maior autonomia na confecção

³ Trata-se de uma dinâmica em que um grupo é subdividido em subgrupos. Cada subgrupo discute entre si um tema proposto. Após a discussão, um representante do subgrupo vai ao centro da sala e relata aos demais o que foi discutido. A partir de então, é proposta uma nova provocação ao grupo, que deve se reunir nos subgrupos novamente para discutir e, posteriormente, apresentar a todos os presentes.

das respostas à pergunta proposta e, ainda, colaboraram com a apresentação dos resultados. As apresentações, por sua vez, apontaram para ações coletivas que envolviam tanto a atuação deles como sujeitos, quanto de terceiros, como representantes governamentais.

Uma vez mais, a atividade foi finalizada com provocações direcionadas aos participantes, a partir dos resultados construídos por eles. Sendo o último encontro dentro da proposta aqui relatada, foi realizada uma avaliação final junto com todos os estudantes, que relataram um interesse crescente pelos debates realizados. Sobretudo porque os encontros foram concebidos em moldes diferentes daqueles comumente utilizados ordinariamente na sala de aula, tanto por docentes da EE quanto por acadêmicos.

Do ponto de vista da efetividade de um projeto de extensão, realizado em uma escola pública, os resultados mais gerais das atividades aqui relatadas demonstraram a importância da construção de vínculos mais duradouros entre membros da comunidade universitária e o público-alvo, o que pode, inclusive, aumentar a permeabilidade das práticas acadêmicas na comunidade em geral, diminuindo a distância entre elas. Afinal, no que se refere à universidade, a abertura para o vínculo com o público externo não pode prescindir do interesse pelo saber do outro. Mas ao mesmo tempo, é preciso resistir à ideia de querer modificá-lo a partir de noções prévias de “certo” ou “errado”, sobretudo quando existe uma distância de capital cultural entre os sujeitos envolvidos.

Desta forma, conforme a experiência aqui relatada, torna-se evidente a importância de se levar a sério os espaços de promoção de di-álogo⁴, no sentido mais amplo da palavra, no qual os participantes possam ser efetivamente considerados como sujeitos e as diferentes visões de mundo e conhecimentos (logos) possam ser integradas e, assim, transformadas em novas modalidades de atuação e de participação em áreas tão importantes para a cidadania e para a promoção da igualdade.

A despeito da experiência aqui relatada referir-se a um processo desenvolvido no âmbito de um projeto de extensão, o método adotado pela equipe é

⁴ No sentido mais imediato, di-álogo significa a junção do prefixo di (dois) a “logos” (conhecimento).

algo que pode ser extrapolado para a atuação de docentes tanto nas escolas, quanto na própria universidade. Este foi, inclusive, um aspecto mencionado e avaliado como fundamental pelos estudantes da EJA.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Superior. Resolução N° 7, de 18 de dezembro de 2018. Disponível em: <<https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/2665>>. Acesso em: 03 ago. 2023.
- MIALHE, F. L. Dialogando com o saber popular na elaboração de materiais educativos. In: MANO, M. A. M.; PRADO, E. V. Vivências de educação popular na atenção primária à saúde: a realidade e a utopia. São Carlos: EdUFSCar, 2010. p. 193-197.
- PEREIRA, E. V.; XAVIER, S. P. L.; FIALHO, A. V. M.; MIRANDA, K. C. L.; SILVA, L. F.; GUEDES, M. V. C.; FREITAS, M. C. Pensamento complexo e formação em Enfermagem: possibilidades da extensão universitária. Revista Enfermagem atual, v. 96, n. 39, jul./ago./set. 2022. DOI: <https://doi.org/10.31011/reaid-2022-v.96-n.39-art.1444>. Acesso em: 03 ago. 2023.
- PEREIRA, N. C. T. C.; ALBUQUERQUE, A. N.; COSTA, K. H.; BORGES, P. L.; NUNES, R. K. S.; ALMEIDA, E. B.; GUEDES, M. R.; HENN, R. Ações de educação alimentar e nutricional com grupos em vulnerabilidade social: relato de experiência. Revista Ciência Plural, v. 6, n. 2, p. 170-191, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/20372/12856>>. Acesso em: 13 ago. 2025.
- PORTO, M. F. S.; PIVETTA, F. Por uma promoção da Saúde Emancipatória em Territórios Urbanos Vulneráveis. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. (Org.). Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. p. 207-229.
- SILVA, I. G.; BOTELHO, B. O.; CRUZ, P. J. S. C.; MACHADO, A. M. P. A dimensão da autonomia nas práticas de extensão em educação popular. Linhas Críticas, v. 26, p. 1-26, 2020. DOI: <https://doi.org/10.26512/lc.v26i0.28953>. Acesso em: 17 set. 2025.
- SOUZA, A. A.; SOUZA, V.; GUERRA, M. Educação e saúde na escola. Belo Horizonte: CAED-UFMG, 2011.
- VIEIRA-DA-SILVA, L. M. O Campo da Saúde Coletiva: gênese, transformações e articulações com a Reforma Sanitária Brasileira. Salvador: Rio de Janeiro: EDUFBA; Editora FIOCRUZ, 2018.